

ORGANIZAÇÃO SOCIAL E MITOLOGIA ENTRE OS TIMBIRA DE LESTE

MARIA ISAURA PEREIRA DE QUEIROZ

INTRODUÇÃO

Originários do medo ou do desejo de explicar os fenômenos naturais que rodeiam o homem, provenientes de fantasias da imaginação, ou registro de antiquíssimos fatos, existem os mitos em tôdas as culturas e civilizações. Buscou-se durante algum tempo qual a sua proveniência, mas êste problema foi abandonado. A dificuldade em determinar as doses dêste ou daquele fator no seu nascimento; a compreensão de que não são apenas meras histórias ou sobrevivências do passado; a descoberta de que, como os costumes, como os instrumentos da cultura material, também os mitos migram; a noção de que desempenham uma função no conjunto da cultura em seu momento atual, fêz com que fôsse deixado de lado o esclarecimento da questão "por que existem"? Em seu lugar, procura-se investigar que papel tem o mito dentro de uma sociedade, tenta-se estudá-lo "em sua dinâmica, isto é, em relação com a atualidade social." (1)

Esta orientação é relativamente recente e encontra dificuldades para ser aplicada. Em geral, os pesquisadores se ocupam em recolher os textos míticos sem indicar quando, nem como, nem por quê, nem por quem são narrados, tornando difícil destrinchar o papel que desempenham na vida social. É o que se dá com o livro de Nimuendajú sobre os Timbira de Leste, no qual também a excessiva preocupação com a imparcialidade e com a objetividade da descrição abafou tanto a espontaneidade, quanto a coleta de elementos qualitativos que os colorissem. O modo impessoal, super-ordenado e

(16) *Inocência*, edição citada; carta de Taunay a Azevedo Castro, p. vii.

frio da exposição dificulta a plena compreensão do funcionamento da cultura como um todo, apagando as indicações sobre o que se poderia chamar de seu "clima", tão importante no esclarecimento dos ideais e dos valores. Foi com esforço, respigando aqui e ali na narrativa tão classificada e tão bem dividida de Nimuendajú, que se tentou chegar a uma compreensão do "espírito" da cultura Timbira, e da função dos mitos com relação a ela.

Apresentaremos primeiramente, de forma resumida, os traços principais da cultura Timbira, para em seguida abordarmos sua mitologia.

ORGANIZAÇÃO SOCIAL DOS TIMBIRA

Os Timbira de Leste, estudados por Nimuendajú, pertencem à família Gê e abarcam quinze tribos diferentes, que se reconhecem umas às outras como parentes e membros do mesmo povo, sendo para eles o sinal visível do parentesco o fato de todos os indivíduos cortarem o cabelo da mesma maneira, usarem grandes discos distendendo o lóbulo das orelhas, disporem as casas da aldeia em círculo e possuírem, como esporte predileto, a corrida de troncos. (2) Habitam estes indígenas ao norte e a leste do rio Tocantins, espalhando-se por toda a bacia do Gurupí, do baixo e médio Pindaré, do baixo Grajaú e do baixo Mearim. A tribo mais estudada por Nimuendajú foi a dos Ramko'kamekra, mas a semelhança da organização com as demais permitiu a generalização da descrição para todas, indicando o autor as variantes que por acaso ocorressem.

Possuem estas tribos uma organização social complicada e os indivíduos pertencem a grande cópia de associações, além da família e das classes de idade: sociedades da estação festiva, metades de terreiro, metades da estação chuvosa, etc. etc. A execução do cerimonial constitui sua preocupação máxima: "... o cerimonial é da maior importância, absorvendo grande parte do tempo e da energia dos indivíduos. Ao mesmo tempo é tão predominantemente secular que considerá-lo como parte de uma religião é violentar os fatos". (3)

Através do cerimonial, compreendemos como são fortes os laços que prendem os indivíduos aos diferentes grupos e associações; o lugar deles durante a festa não é marcado pelo fato de pertencerem a determinada família ou terem certo status na hierarquia tribal, e sim pelo fato de pertencerem a uma determinada associação — a dos Jaguar, dos Agutí, dos Mascarados, dos Falcões, etc. Ninguém pode se furtrar, sob nenhum pretexto, de participar das diferentes fases de uma festa; brigas e ressentimentos devem ser postos inteiramente de lado para que os inimigos de ontem possam hoje concorrer ao cerimonial em vias de desenvolvimento. (4)

(1) Schaden, Egon, 1946, p. 15.

(2) Nimuendajú, Kurt, 1946, p. 12.

(3) Id., 1946, p. 163.

(4) Id., 1946, p. 129.

Se os laços grupais são assim apertados, os laços familiares, — especialmente os da família grande, — não o são menos, a ponto da maior afronta entre os Timbira consistir em dizer a alguém, abertamente, que “não tem parentes”. Tais laços dão ao indivíduo sentimentos de segurança e de proteção, pois é à família grande que incumbe a defesa de seus membros dentro da tribo, cabendo a ela também indenização tôdas as vêzes que uma falta ou um crime é cometido contra êles. Durante disputas é, pois, freqüente um indivíduo ameaçar a outro dizendo: “Olhe que minha família é muito numerosa...” (5)

Existe na sociedade Timbira uma regulamentação rigorosa da cooperação e da competição intra-tribal, ambas inteiramente desviadas do plano individual, — em que seriam influenciadas mais de perto pelos sentimentos, pelos afetos, pela emotividade, — para o plano grupal, em que a individualidade é ofuscada pela obediência e pela submissão que o indivíduo deve às associações a que pertence.

No caso da competição, por exemplo, que existe tanto no cerimonial quanto no setor esportivo, indivíduos não se opõem a indivíduos, mas grupos se opõem a grupos. No cerimonial, a sociedade dos Jaguar e dos Aguti são contrárias uma à outra; os Mascarados são aliados dos Aguti; os Falcões são adversários dos Patos, etc., mas tôda a disputa é prevista e ordenada, desenvolvendo-se segundo o ritual existente. (6) No setor esportivo existem as corridas de troncos, esporte favorito e característico dos Timbira, no qual se empenham tanto homens quanto mulheres; os homens se dividem de acôrdo com classes de idade, competindo uma mais môça com outra mais velha, (7) ou de acôrdo com as “metades de terreiro”, (8) ou ainda segundo as diferentes sociedades masculinas; (9) as mulheres competem divididas em “metades de terreiro”, ou de acôrdo com o parentesco que as liga às diversas classes de idade masculinas. (10)

A competição puramente individual foi desviada para os passatempos e canalizada de maneira a se tornar o menos prejudicial possível; restringe-se aos jogos de destreza principalmente. Existe o krústak, por exemplo, jôgo de meninos, no qual os competidores disparam suas flechas de maneira tal que deslizem rente ao chão, sendo vencedora a flecha que fôr mais longe. Ou também o jôgo mais perigoso dos adultos, em que um guerreiro desafia um grupo a feri-lo com suas flechas e, sob o arremêso simultâneo delas, furta-se hábilmente para não ser tocado por nenhuma, sendo considerado vencedor e dono de tôdas as flechas arremessadas se conseguir sair sem arranhões. (11)

(5) Id., 1946, p. 84.

(6) Id., 1946, p. 96.

(7) Id., 1946, pp. 138, 140, 185.

(8) Id., 1946, pp. 138, 40.

(9) Id., 1946, p. 140.

(10) Id., 1946, p. 140.

(11) Nimuendajú, Kurt, 1946, p. 161.

A cooperação também é da alçada de grupos: não se apela para o auxílio individual, mas para o auxílio das associações e dos grupos de idade. Se alguém tem necessidade de ajuda para a construção de novo rancho, para a derrubada, para a colheita, dirige-se aos mais velhos da tribo, que transmitem o pedido a qualquer das associações ou aos chefes de classes de idade; "todo o grupo se muda, por vários dias, para a roça de quem pediu auxílio, dançando metade do tempo e empregando o resto no trabalho" (9). O que lembra bastante o mutirão caboclo.

A direção da comunidade cabe ao Conselho de Anciãos, composto de indivíduos cujas classes de idade deixaram de pertencer ao quadro ativo dos esportistas e que não participam mais, portanto, das corridas de troncos; os problemas quotidianos, a escolha das festas, tudo é resolvido em reuniões deste conselho. O chefe da taba é o ancião que provou qualidades de conciliador e de diplomata, cujo papel consiste em acabar com as brigas e conseguir o acôrdo das partes em litígio. (12)

Nem os chefes nem o conselho têm encargo de punição; o crime, que acarreta sempre disputa entre famílias e sociedades, é resgatado mediante indenização. O acôrdo é conseguido pela intervenção ou do ancião, ou do conselho e, se o poder de persuasão destes não é suficiente, recorre-se à autoridade quer dos parentes, quer dos companheiros de classe de idade, quer dos membros da mesma sociedade — o que mais uma vez indica o papel preponderante dos diferentes grupos na manutenção da harmonia interna da taba, seu pêso sobre a consciência individual e a submissão que exige das pessoas.

Pela regulamentação tão estrita da competição e da cooperação, deduz-se que a organização social dos Timbira se orientou de maneira a incrementar ao máximo o companheirismo, a camaradagem, a solidariedade entre seus membros, mesmo de sexo diferente. De fato, a coerção de um indivíduo sobre os outros é considerada odiosa, seja do homem sobre o homem, seja do homem sobre a mulher. "Se uma jovem ou uma mulher diferem em opinião de um homem e o acôrdo se torna impossível, a questão é abandonada; a zanga do homem, e muito mais uma tentativa de coerção de sua parte, seriam tidas como atitudes mesquinhas e ridículas". (13) A pressão exercida pelos pais sobre os filhos, ou pelos mais velhos sobre os mais moços recebe a mesma conotação. Os pais tratam bem os filhos e respeitam as opiniões destes; as mães Timbira, refere Nimuendajú, tôdas as vêzes que as mães pretendem tratá-las rudemente ou exigir um matrimônio que lhes desagrade, lembram à genitora a história de Klikwe'i, que se suicidara ao ser espancada pela mãe, que lhe impunha pretendente que não era de seu gôsto. (14)

(12) Id., 1946, p. 113.

(13) Id., 1946, p. 123.

(14) Id., 1946, p. 123.

O ressentimento e o ciúme são considerados desprezíveis pelos Timbira. As obrigações do indivíduo para com seu companheiro de classe de idade, de sociedade, ou para com seu parente, impedem-no de expressá-los, assim como impedem a raiva. Sòmente as mulheres, que não pertencem nem a sociedades, nem a classes de idade, isto é, que estão prêsas a menos associações do que os homens, podem exprimir até certo ponto sua raiva, mas sòmente por palavras; e a reconciliação é inevitável, mesmo entre as piores inimigas e rivais, pois a isso as impele a execução de danças em comum no terreiro. Trata-se da atividade do maior interesse, e mais agradável para as mulheres, indispensável à vida delas, das quais nenhuma pensaria se eximir: "seria inconcebível para um Timbira ouvir uma mulher declarar que não compareceria à dança da tarde para não encontrar uma rival". (15) Por isso, vêem-se as mulheres compelidas a fazer as pazes umas com as outras.

No entanto, a competição, mesmo exercendo-se unicamente através dos grupos e associações, poderia criar um ambiente de rivalidade entre êstes mesmos grupos, atirando-os uns contra os outros, o que seria perigoso, principalmente no caso das competições esportivas. De fato, estas opõem entre si diferentes classes de idade, transformam em adversárias as "metades de estação chuvosa", etc., e poderiam degenerar em rivalidades contínuas. Nestes torneios, todavia, não existem nem vitoriosos nem vencidos (o que é inteiramente incompreensível para os caboclos brasileiros que habitam a região). Os vencedores não são elogiados, nem os vencidos censurados. A corrida não visa satisfazer vaidades pessoais ou grupais, é antes um fim em si mesma, e o indivíduo se esforça o mais que pode sem esperar nenhuma recompensa além do prazer de sentir que deu de si a contribuição máxima. Os melhores corredores, embora estimados e gozando de certo prestígio, não têm privilégios especiais e em nada se distinguem dos companheiros; "sòmente os preguiçosos, que tentam se furta a uma corrida, tornam-se alvo de repreensão e caçadas". (16)

O indivíduo ideal em tal comunidade tinha naturalmente de ser uma criatura pacífica, que foge de disputas, que cede o seu lugar mesmo quando tem a êle todos os direitos, que evita qualquer zanga. "É considerada uma pessoa má aquela que briga com seus companheiros, que insiste em manter privilégios pessoais, que pugna por reivindicações..." (17) Concordar é a mais alta virtude nesta organização votada ao esforço de impedir dissensões internas. O cerimonial, ao qual ninguém pode deixar de comparecer, força os briguentos a cooperarem uns com os outros, impedindo que as disputas se eternizem. (17)

(15) Id., 1946, p. 119.

(16) Nimuendajú, Kurt, 1946, pp. 139 e 140.

(17) Um trabalho muito interessante e que deveria ser feito, é o de analisar muito de perto toda a estrutura dos Timbira e verificar quais as válvulas de escape e quais as reações despertadas por um controle aparentemente tão rígido dos comportamentos. Isto é, de que maneira manifestam os indígenas as dissensões, os comportamentos de irritação, de ódio, de desespero.

OS MITOS

O ideal cultural vigente se reflete nos dois tipos de mitos encontrados entre os Timbira. Se dermos à palavra "mito" uma extensão ampla, englobando contos, histórias, fábulas, casos, etc., ao mesmo tempo que as explicações sobre os deuses, as origens do mundo e dos homens, — isto é, se incluímos sob o termo "mito", como faz Nimuendajú, estes dois tipos de narrativas, — encontramos a ambos naquele grupo étnico. Os membros da tribo reconhecem a existência das histórias "dos dias de antigamente" (como dizem), e as histórias de fundo real, que se passaram em tempo não muito longínquo, e cuja data de ocorrência muitas vezes é ainda mencionada. É possível, pois, dividir a mitologia Timbira apresentada por Nimuendajú em mitos de passado remoto e mitos de passado recente.

Os de passado remoto, refere Nimuendajú, eram narrados durante as festas de iniciação; são todos de aventuras e explicam, em geral, a origem e a obtenção do cerimonial, que governa a vida dos indígenas, porém sem nenhuma intenção mística ou religiosa. A iniciação dos meninos dura 10 anos e compõe-se de duas cerimônias diferentes, que podem ser repetidas anos seguidos: Ketúaye e Pepyé. Um dos ritos do Ketúaye é a matança de um porco, comido ritualmente por toda a tribo, menos os iniciandos. Os indígenas passam esse dia todo a comer e a contar as "histórias de antigamente". (18) Esta cerimônia existe também numa outra festa que não pertence à iniciação, a dos Pepkaha'k, ou festa dos guerreiros, a qual, todavia, é uma espécie de recordação ou de imitação, pelos adultos, dos ritos de iniciação. (19) Numa das fases de cerimônia do Pepyé, por sua vez, os iniciandos são levados para longe da aldeia, pintados com urucu e naquela noite não se lhes permite dormir; passam o tempo ouvindo também as "histórias de antigamente", que um velho se incumba de narrar. (20) Nota-se em todos estes casos uma intenção educacional visível, pois as histórias de antigamente se referem quase sempre à origem das festas, das danças, dos cantos, afirmando-lhes o valor e incentivando o respeito com que devem ser tratados. Parecem destinados a focalizar a atenção sobre o cerimonial, em detrimento das outras atividades tribais, pois as danças quotidianas são pouco mencionadas e a corrida de troncos — esporte predileto, — não figuram em nenhum dos mitos registrados por Nimuendajú.

As histórias de passado recente surgem a todo momento na narrativa de Nimuendajú, todas as vezes que descreve um costume peculiar ou um comportamento especial dos indivíduos. Um exemplo é o da história já citada da jovem Klikwe'i, que as Timbira casadoiras lembram às mães, quando estas pretendem coagi-las a uma união pouco de seu gosto. E quando há um adultério no ar, vem à baila a história de Wohô. A esposa deste foi sedu-

(18) Nimuendajú, Kurt, 1946, p. 178.

(19) Id., 1946, p. 212.

(20) Id., 1946, p. 196.

zida pelo famoso guerreiro Karatí, mas Wohô não reage, até que os companheiros de sua classe de idade o reprovam pela falta de coragem. Wohô responde que não lhe falta coragem para se vingar e sim para iniciar uma disputa, o que sempre deve ser evitado por um Timbira; mas uma vez que os companheiros se consideram molestados por sua atitude, dispõe-se a agir. Com efeito, Wohô mata o guerreiro. Os parentes destes imediatamente se reúnem para vingá-lo, enquanto a família grande de Wohô também se apresta para defendê-lo. Os chefes intervêm e põem termo à disputa, induzindo os parentes do assassinado a aceitarem uma indenização por parte do assassino. (21) Casos como estes são narrados justamente nos momentos em que se tornam necessários, tendo por fim provocar ou incrementar as atitudes individuais consideradas satisfatórias pela cultura.

A freqüência e a naturalidade com que aparecem estes contos na narrativa de Nimuendajú, entrelaçados à vida quotidiana, indicam a importância que têm para os indígenas. Garantem tais mitos "a validade dos valores morais e dos padrões de comportamento reconhecidos e aceitos pela tribo", para adotarmos a linguagem de Egon Schaden. (21) Refletindo os padrões e valores do comportamento tribal, exercem primordialmente as funções de exemplo e de reforço da conduta considerada a melhor pelos indígenas: a cordura, os sentimentos pacíficos, a ligação tio-sobrinha, o tratamento ameno dispensado pelos pais aos filhos, a solidariedade das classes de idade, o castigo do adultério, etc. Se analisarmos, por exemplo, a história de Wohô, atrás relatada, vemos que ela contém todos os característicos da sociedade Timbira: a importância das classes de idade na vida individual dos membros da tribo; a função da família grande, defensora de seus componentes; a cordura como ideal de comportamento individual; a intervenção moderadora dos chefes, impedindo o prolongamento de uma disputa e terminando-a por uma indenização.

A função destes mitos também é educativa, e neste ponto eles se aproximam dos mitos de passado remoto. Mas enquanto os de passado remoto se preocupam em afirmar o valor das cerimônias e em explicar origens, quer dos homens, quer das técnicas, quer das festas, os de passado recente ensinam o comportamento individual e reforçam relações humanas. Podemos, pois, dizer que cada um dos dois tipos de mitos corresponde a um nível das relações sociais dos Timbira: os de passado remoto ligam-se predominantemente ao nível grupal, tanto em suas explicações quanto em seus valores; os mitos de passado recente são conexos com o nível individual, e do mesmo modo dizem respeito às explicações e aos valores.

Encontramos nos mitos de passado remoto, de maneira profunda, a ressonância das valorações primordiais emprestadas pelos Timbira tanto às coisas sociais quanto às coisas da natureza, — ressonância inegável, embora velada e sutil, como se pode ver no mito do Sol e da Lua. Companheiros

(21) Schaden, Egon, 1946, p. 19, citando K. Th. Preuss.

de aventuras, resolvem Sol e Lua um dia se separar, e separar também tudo o que possuíam. "Sol escolheu o dia, deixando a noite para a Lua; a Lua insistiu em possuir o dia, mas Sol disse que não lhe competia escolher nada..." (22) Cabendo o dia ao Sol e a noite à Lua, também as coisas se dividiram, na natureza, em duas metades: ka', relacionada com o dia, ficou com as coisas claras e atu'k, relacionada com a noite, ficou com as coisas escuras. Note-se que, na aldeia, os homens também se dividem em ka'makra e atu'kmakra, de acôrdo com os nomes que lhes vão sendo legados pelos parentes; esta divisão corresponde, na localização das metades na aldeia, à antítese leste-oeste, à qual se liga a oposição Sol-Lua pelo fato do sol nascer a leste e a lua nova a oeste. (23) "Parece muito provável, escreve Nimuendajú, que antigamente o ka'makra se identificava com a metade leste, o atu'kmakra com a metade oeste da aldeia, o primeiro gozando de ascendência-cerimonial durante a estação seca, o último durante a estação das chuvas". (24)

A relação ka'/dia/estação-seca e atu'k/noite/estação-chuvosa tem no fundo uma valorização incipiente. É durante o dia que se realizam as atividades úteis da tribo, a caça, o plantio, as festas; a noite é inútil, de onde a reclamação da Lua, achando-se lezada quando se vê obrigada a ficar com ela. Também a estação valorizada e importante é a estação seca, durante a qual podem se desenrolar os festivais que enchem de cor a vida dos Timbira, enquanto a estação chuvosa é de relativa monotonia.

A própria personalidade do Sol e da Lua, assim como as criações a que se entregam, refletem a valorização. Sol e Lua foram banhar-se. Sol mergulhou e voltou à tona com um rapaz muito bonito; Lua tentou o mesmo, mas o menino que voltou com ele era feio e escuro. De novo mergulhou o Sol e voltou com uma mocinha bonita; Lua fez o mesmo, mas a que o acompanhou era bem feiosa. "Assim continuaram ambos por muito tempo. E é esta a razão porque existem seres humanos bonitos e feios, bem formados e aleijados". (25) Quanto ao caráter, Sol é o indivíduo ideal para a comunidade Timbira: não briga, cede ante os rogos impertinentes e importunos do companheiro, é modesto, quieto, acomodado, não faz valer seus direitos (embora convencido deles) a fim de não desencadear disputas, pois evita o mais possível as brigas. Lua é criatura arrogante, exigente, insatisfeita, que insiste em satisfazer tôdas as suas vontades, que rezinga e briga por qualquer coisinha, que impõe a prioridade de seus desejos sobre os desejos dos outros e que por isso mesmo acaba levando na cabeça e fazendo papel ridículo; é, pois, o tipo desprezado pela civilização Timbira. (26)

(22) Nimuendajú, Kurt, 1946, p. 245. É interessante notar que há aqui uma referência a uma imposição do Sol sobre a Lua, fugindo ao preceito Timbira habitual de ninguém exercer pressão sobre ninguém. O estudo destas discordâncias com o padrão valorativo deverá também ser feito um dia.

(23) Nimuendajú, Kurt, 1946, p. 84.

(24) Id., 1946, p. 86.

(25) Nimuendajú, Kurt, 1946, p. 244.

(26) Id., 1946, pp. 243-244.

Em tal valorização, reflete-se o estilo de vida da comunidade, toda orientada para a harmonia interna. Mas a valorização pode ter duas interpretações: Sol e Lua personificam as forças morais que agem na sociedade Timbira, tornando-as mais palpáveis e mais fáceis de impressionar; ou representam, para os indígenas, os aspectos da natureza "que são de importância para o bem-estar da sociedade", mas tão fortemente se acham os Timbira imbuídos da ordem social em que vivem, que enxergam o Sol e a Lua sujeitos às mesmas forças morais que nela influem. De qualquer maneira, o mito do Sol e da Lua indica muito bem de que maneira as coisas da natureza afetam a vida social (a utilidade do dia, a preferência pela estação seca), ligando-se a elas, de maneira compreensível, os valores morais que imperam na tribo (por exemplo, o bom caráter do Sol, o qual por sua vez comanda o dia e a estação seca), tudo apresentando sempre um aspecto nitidamente educativo.

Embora personalizados, Sol e Lua não podem ser chamados de heróis civilizadores, se aceitarmos para definição destes a de Van Deursen: "Ente mítico, ao qual se atribuem poderes sobrenaturais e que ou desempenhou um papel importante na transformação da terra depois da criação ou do dilúvio, ou então deu à tribo importantes leis, instituições, bens de cultura". (27) Nada disso fizeram Sol e Lua; só se lhes pode atribuir a criação dos seres humanos, aos quais nada deram como técnica ou como leis, não se imiscuindo na organização tribal. É o que depreendemos dos textos registrado por Nimuendajú; de acordo com estes, Sol e Lua seriam heróis ou deuses criadores, mas não civilizadores. É possível que uma análise mais profunda, ou que o registro de novos mitos, mostre aspectos dos dois heróis que, em nossa análise, passaram despercebidos, e que os classifiquem naquela categoria.

Existe, porém, entre os mitos Timbira, reproduzidos pelo grande etnólogo alemão, um que corresponde à definição de herói civilizador — "heroína" neste caso, pois trata-se de Kacetiwe'i, a moça-estrela. Tukti, por ser muito feio, não encontrava mulher; uma estrela se compadece dele, vem para a terra consolá-lo, transformada na moça Kacetiwe'i, e com ele se casa. Ora, nesse tempo os índios não conheciam plantas cultivadas e comiam paus podres com a carne. Kacetiwe'i encontra espigas de milho perto do riacho e mostra aos índios que aquilo é comestível; ensina-os a plantar e colher o milho, a socá-lo no pilão, a fazer bolos de fubá. "Kacetiwe'i poderia ter revelado ainda outros segredos ao marido, se este não insistisse em coabitar com ela. Por causa disto, decidiu voltar para o céu. Tukti pediu-lhe que o levasse junto, pois não conseguiria arranjar outra esposa. Todas as mulheres choraram com a resolução de Kacetiwe'i. De noite ela foi para o terceiro e começou a cantar; quando a manhã chegou, ela e Tukti tinham desaparecido da terra". (28)

(27) Schaden, Egon, 1946, p. 24, citando Arie Van Deursen.

(28) Nimuendajú, Kurt, 1946, p. 245.

Quando noutros mitos os Timbira aprendem novidades, como danças ou outras atividades, ou quando adquirem instrumentos que não possuíam, é sempre ou por imitação, ou por roubo. Kacetiwe'i é o único personagem sobrenatural, dentre os citados por Nimuendajú, que vem à terra, vive junto com os índios, ensinando-lhes coisas novas, retirando-se antes de ter dado à tribo todos os benefícios de que possuía o segredo. Mulher, Kacetiwe'i ensina coisas de agricultura e de cozinha, atividades que entre os Timbira sóem ser desempenhadas pelas mulheres. Seria interessante investigar, nas tribos possuidoras de mitos de heróis civilizadores, até que ponto o fato destes serem sempre masculinos se liga à maior valorização do homem em relação à mulher pela cultura tribal, — o que não se nota entre os Timbira. Pois segundo observou Nimuendajú, entre estes tanto homens quanto mulheres são respeitados e reconhecidamente possuem o mesmo valor.

Mais uma vez, cumpre ressaltar o aspecto fortemente educativo dos mitos Timbira registrados por Nimuendajú; seu papel de fator de controle social é também evidente. Numa organização predominantemente voltada para a harmonia interna e a concórdia, como parece ser esta, a mitologia constitui um instrumento a serviço dos objetivos mais valorizados pela civilização do grupo.

ANÁLISE, SÍNTESE

Descrever apenas não basta aos estudiosos dos fatos sociais; precisam sempre ir mais longe, buscar interpretações e explicações. Daí a necessidade de, uma vez analisados certos aspectos da cultura, tentar estabelecer correlações: depois de estudar separadamente organização social e mitos, aproximá-los para ver como se ajustam e como funcionam engrenados. Na civilização Timbira, como acabamos de ver, organização social e mitos visam o incremento da coesão interna das tribos.

E por que motivo se teriam organizado os Timbira de maneira a evitar todo conflito intra-tribal e a fortalecer os laços entre indivíduos e grupos? Uma hipótese explicativa só pode ser buscada tentando uma análise noutra nível, o nível das tribos Timbira como um todo. Assim, depois de analisar a tribo, como unidade, passamos para outro nível, que se poderia chamar da sociedade global Timbira.

Há evidente correlação entre a forte coesão interior e a vida de lutas das tribos Timbira umas com as outras. Estão em constante pé de guerra; os Krêyé de Bacabal, em recontros sangrentos contra os Ramkõ'kamekra e os Çakamekra; os Krêyé de Cajuapára, inimigos dos Krikati; os Pukóbye, conhecidos por sua ferocidade; os Gaviões, hostis a todas as tribos habitando em suas redondezas; os Krahõ em lutas com os vizinhos; os Apa'nyekra em guerra contra os Ramkõ'kamekra e assim por diante. (29) Não podem, pois,

(29) Nimuendajú, Kurt, 1946, p. 15 a 31.

permitir estas diversas tribos que no seu interior ocorram disputas graves, pois um grupo internamente minado por ressentimentos não pode opor frente coesa ao ataque inimigo. A colonização portuguesa parece pouco ter alterado este estado de coisas devido ao aspecto de luta de que se revestiu contra os Gê; apenas aumentou o número de adversários das tribos Timbira, que atualmente não combatem somente entre si, porém também contra os caboclos da região.

Estado de luta que se relaciona, por sua vez, com o tipo de território ocupado por este povo. Planícies semi-áridas e capoeiras formam a maior parte das terras Timbira. As florestas, de significado econômico importantíssimo para estes índios, pois oferecem, além do único tipo de solo adequado à sua agricultura, os frutos indispensáveis de burití e de babaçú, assim como a caça (que quase não existe nos cerrados), são encontradas, pouco numerosas, ao longo dos ribeirões maiores e dos rios. As tribos lutam, pois, entre si pela conquista ou pela defesa desses territórios, que asseguram o bem-estar dos indivíduos.

A cultura Timbira apresenta, então, dois aspectos diversos conforme a encarmos pelas relações intra-grupais, ou pelas relações inter-tribais. Enquanto as relações dentro da tribo são dominadas pela preocupação constante de garantir a paz e a harmonia internas, evitando toda a disputa e toda a rivalidade, as relações das tribos umas com as outras se caracterizam pela hostilidade e disputa permanentes.

Há, assim, entre o meio, a sociedade global, os grupos sociais, os indivíduos, interação que leva à formação de configurações sociais diversas, visando a adaptação dos grupos tanto a um meio determinado como a uma sociedade global, e também a adaptação do indivíduo aos grupos e à sociedade global em que vive. Só a visão total do conjunto permite chegar a compreensão de um grupo particular dentro do todo, assim como da hierarquia de valores que nele é dominante. A compreensão de uma parte da cultura Timbira — dos mitos, por exemplo, — só se alcança plenamente quando colocada funcionando dentro da tribo em que existe, e relacionada com a organização desta. Porém a organização tribal, por sua vez, só é compreendida quando a encaramos dentro do complexo formado pelas diferentes tribos e pelo território em que habitam. Se a análise nos mostra "o que é" e "como é", só a síntese pode responder ao "porquê". Instrumentos do estudo sociológico, — como o são também nas outras ciências, — análise e síntese correspondem a dois momentos diferentes do trabalho, à descrição e à interpretação.

REFLEXÃO FINAL

Voltando ainda aos mitos, um estudo interessante a ser efetuado seria o da emoção artística, existente ou não, em quem narra e em quem ouve. O problema se colocaria da seguinte maneira: além das funções educativas e

de controle social que percebemos nos mitos Timbira com relação à organização tribal interna, despertarão eles também entre os indígenas a emoção que entre nós é rotulada de "estética"? No trabalho de Nimuendajú, de que o autor deliberadamente afastou tudo quanto fugisse à mais estrita objetividade, compreendida num sentido quase de registro de atividades ou de ocorrências plenamente palpáveis, não há dado algum que permita uma indicação a respeito. Por outro lado, não existem entre os Timbira os contadores profissionais de histórias; os mitos são narrados por velhos no momento da iniciação, ou em ocasiões adequadas, não se sabendo a qual dos velhos e por que razão cabe narrá-los. Se existissem contadores profissionais, já se poderia aventar a hipótese de que a história e contar histórias constituiria arte, pois tais contadores são como que os precursores dos comediantes. No entanto, o texto dos mitos que classificamos de "passado remoto", a complicação das aventuras, a trama das peripécias, dão a impressão de "livre expansão de uma atividade criadora", à qual se conjugariam sentimentos de plenitude e de alegria, — emoções que segundo certos autores constituem um dos climas da criação da obra de arte. (30) Mas o que é verdade entre nós, sê-lo-á também para os indígenas? ou a criação, entre eles, se processará de maneira diversa? Possuirá, por sua vez, a obra de arte no meio indígena as mesmas funções que Lalo atribui à obra de arte no mundo ocidental, isto é, ser a expressão da sociedade, uma técnica para esquecer, uma reação contra a sociedade, um jôgo à sua margem? (31)

Eis um conjunto de questões despertadas pela qualidade dos textos da mitologia Timbira, porém que não temos meio algum de aprofundar. Aliás, entre as atividades primitivas, a estética tem sido provavelmente a menos estudada. O estudo dos mitos e de sua função dentro da organização social seria provavelmente um dos caminhos que poderia levar até aqueles problemas.

OBRAS CITADAS

- BASTIDE, Roger — *Arte e Sociedade*, Livr. Martins Ed., S. Paulo, 1945.
- NIMUENDAJO, Kurt — *The Eastern Timbira* — University of California Press, 1946.
- SCHADEN, Egon — *Ensaio Etno-Sociológico sobre a Mitologia Heróica de Algumas Tribos Brasileiras* — Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras, Universidade de S. Paulo, 1946.

(30) Bastide, Roger, 1945, p. 60.

(31) Bastide, Roger, 1945, p. 49, citando Charles Lalo.